



A AURORA



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Formosa 242-2.º—PORTO

Comp. e Imp. na *Tipografia Peninsular*
Rua dos Mercadores, 171—PORTO

REDACTOR PRINCIPAL—*Antonio Alves Pereira*

Propriedade do Grupo (*Aurora Social*)

EDITOR—*Maclel Barbosa*

Condições d'Assinatura (Pagamento adiantado)
Um mez 405 (50 reis)
Semestre 530 (300 reis)
Um ano 600 (600 reis)
Para fora do país acresce o importe do selo.
Numero avulso 301 (10 reis)

O morticínio de Lamego

Os factos que se deram em Lamego em 2) de Julho revoltam tôdas as consciências, sem preoccupações de partido.

De madrugada, tocam a rebate os sinos das freguesias vizinhas de Lamego—Cambres, Ferreiros, Valdigem, Sanche, Parade e Figueira. O povo reúne-se para ir à cidade pedir que seja dada a questão do Douro uma solução favorável à região duriense. Não vão com intenções de saque nem de incêndio. Por únicas armas, levam os costumados varapaus, raras foices, raras machadas; uma mulher avora um forcão de sabugueiro. Armas de fogo, não se vê nenhuma.

Em Lamego, toda aquela pobre gente se porta com ordem, dando vivas à cidade e ao Douro. A comissão encarregada de falar aos vereadores pede a todos calma e é escutada. Até às 11 horas, nada anormal. Telegrafo-se para o governo e os manifestantes retiram-se para a Alameda, à espera da resposta.

Mas na cidade tinha-se preparado uma «ruidosa» recepção aos rurais. Cuidava-se que vinha aí uma invasão de hunos. E a tropa não bastava: arranjaram-se bombas! Por dá cá aquela palha—bomba!

Parece que aquilo devia ser apenas para defesa contra um ataque. Mas visto não haver de-sordens, nem assaltos, nem incêndios, nem queima de papela-da, as bombas e os heroísmos deviam ficar guardados para occasião mais oportuna. Pois não senhor: as bombas não se podiam perder e por isso foram atiradas sobre os grupos pacíficos dos terríveis conspiradores. Depois do que, a força começou também a disparar contra... as vítimas! Em suma: meio cento de mortos e feridos, muitos deles pelas costas!

Para explicar e justificar esta

monstruosidade, arranjaram-selogo mil desculpas e mil pretextos: assaltos, provocações, incidentes. Depois, a estafada cantilena dos conspiradores e dos jesuitas: Os parvos, os fanáticos, os sinistros imbecis, que acham a vida humana coisa de pouca monta, não sabem explicar os acontecimentos e mais complicados senão fazendo intervir qualquer entidade metafísica, qualquer deus ou diabo: para uns é a Companhia de Jesus ou o talassa; para outros, a maçonaria ou a formiga branca. Nada mais simples. Para essas mentalidades religiosas, a política gira em torno desse dualismo—deus e diabo; e politica é tudo para elles, tudo para elles é politica.

Nós preferiríamos que os pobres trabalhadores durienses, em vez de fazer regionalismo ao lado dos amos, tivessem consciencia dos seus interesses próprios e exercessem uma acção independente. Tirando as castanhas do lume para os seus senhores, chamuscam os dedos e a respeito de resultados, o mais certo é que nem sequer se vejam livres da crescente emigração forçada.

Mas isso é outra questão muito diferente. Os rurais de Lamego, convencidos da justiça da sua causa, do alcance dos seus esforços e da vantagem do que reclamam, exerciam um dos mais elementares e mais moderados direitos cuja defesa interessa a bremaneira a todos.

A infâmia cometida revolta os sentimentos humanos e os mais profundos sentimentos de liberdade. O atentado não tem justificação possível e não pode passar sem o mais indignado protesto de todas as consciências livres, de todos os espiritos simplesmente liberais.

A politica vai empregando costumes bárbaros, que urge condenar com energia.

des capazes de lógica e... sinceridade. Aquellos protestos, manifestos e greves na Alemanha são manobras do governo imperial, que para melhor fingir prende e castiga os protestantes! Assim explica a coisa os patrioteiros dos países aliados e amigos.

Dizia Stendhal que "em certo sentido, patota significa imbecil e algumas vezes perverso". Muitas vezes, porém, patota é imbecil é um especulador e escrupuloso, que se serve de todas as maneiras e meios para sustentar o seu domínio e exploração e evitar a revolta dos escravizados e roubados.

No partido socialista italiano

O secretário politico da direcção do partido socialista italiano, Constantino Lazzari publicou em 8 de Julho um interessante relatório da situação interna partidária.

Após um mes de guerra, o partido mantém-se firme e em boa situação; alguns dos semanários suspensos vão reaparecendo; as defeições são poucas. Dos países neutros tinha o partido recebido fartos louvores sobre a sua conduta firme e coerente. Por encargo da Direcção, partira Oddino Morgari para a Suíça, Paris e Londres com um programa concreto para um próximo convenio internacional, no qual se combine uma agitação simultânea pela paz. O relatório termina elogiando a juventude socialista, cujos centros se mantiveram firmes «na sua espositiva favor da propaganda e educação socialista» e cujo órgão nacional, *L'Avanguardia*, «sus-tenta galhardamente o pensamento intransigente do Partido e as esperanças das novas gerações proletárias neste momento de incertezas, hesitações e desvios». Louva também a iniciativa das Juventudes fundadas com o nome de «infância socialista»—centros recreativos e educativos para os menores de 10 a 15 anos, filhos dos trabalhadores.

Depois da intervenção italiana o cotidiano central do partido, *Avanti!*, a propósito das tentativas insurreccionais antiguerristas, depois de mostrar que das guerras só podem resultar directamente guerras e armamentos, dizia: «Esta guerra, porém, difere em alguns pontos das outras guerras. Difere não só em ter posto em campo monstruosos instrumentos de destruição nunca antes empregados, mas também por ter surgido uma opposição—não suficientemente forte, é certo—que as guerras anteriores jamais conheceram. É a primeira vez na história que a classe trabalhadora organizou, como tal, animada de sentimentos de classe, tentou contra a guerra um protesto mais ou menos organizado.»

Melhor fora, se todos os partidos socialistas e operários tivessem ao menos imitado a conduta de opposição dos socialistas russos, ingleses, sérvios e sobretudo italianos; mas pior teria sido, para o futuro do movimento emancipador do proletariado, se todos os revolucionários sociais tivessem seguido o exemplo da social-democracia austro-alemã e do partido «unificado» francês. Aquella, que principiou por proclamar as responsabilidades particulares da Austria e da Alemanha, afirmando que não consentiria na guerra, descobriu depois o «perigo russo» e solidariza-se com o Kaiser! O «unificado», esse, em vez de fazer salientiar sobretudo, além das causas fundamentais, as responsabilidades especiais do imperialismo e colonialismo franceses, da aliança franco-russa, etc., mantendo-se numa opposição «de classe», encontra o «perigo alemão» e entra no ministerial Que tristezal

UMA QUESTÃO PALPITANTE

Ao Proletariado de Espanha e Portugal

Queridos camaradas, Saude.

—O espirito de intervenção na guerra actual, chegou, por fim, a exteriorizar-se descaradamente nas duas nações vizinhas: Espanha e Portugal. Assim, elementos e especuladores que percorrem assiduamente as embaixadas na mira de alcançar honrarias e dinheiro, agiotes, financeiros e politicos se a escurpulos, tais são os interessados na propaganda favorável à intervenção armada no horreroso conflito europeu.

Numa como noutra nação desenvolvem a propaganda neste sentido aquelas criaturas que, durante a sua vida, não fazem senão arrastar-se como reptis venenosos, deixando, por onde passam, uma esteira de dores e de infâmias. Estes individuos são os que querem atirar o povo para a destruição, para o extermínio, para a matança; são os que querem que nos lares não haja pão e desapareçam de lá os entes queridos; são os que querem ouvir gemer as esposas, as companheiras da vida, as velhas avós; são os que querem ver deslizar as lagrimas pelas faces rosadas ou pálidas das nossas irmãs; são, enfim, os monstros, os selvagens, os que querem jogar com as populações em troca dum punhado de ouro, vislumbrando com isso um futuro cheio de rosas, que consiste em viver no *dolce far niente*, se o povo ignorante gritar com eles: Dêmos cabo dum Estado brutal, sanguinário, mas deixemos de pé outro Estado... brutal e sanguinário também!

Não obstante a existencia em Portugal e Espanha de *modernos laços* com seus diminutos *Attilas* à frente, consola-nos, alenta-nos, anima-nos a propaganda antiguerrista, que, na imprensa operária avançada, no seio das organizações obreiras, nas oficinas, na rua, no café, no campo, fazem aqueles que, afortunadamente, como nós, não perderam o juizo e, serenamente, friamente, procuram as causas que determinaram a guerra, as quais, como está demonstrado à saciedade, outras não são que as rivalidades, as concorrencias nos mercados mundiais pelos grandes acaparadores da riqueza social.

Pelo que antecede, e compreendendo o quanto é prejudicial e nefasta a campanha intervencionista que germanófilos e francófilos iniciaram respectivamente em Espanha e Portugal; e considerando, que inclinándonos a favor dum Estado para combater outro Estado, isso resultaria um trabalho negativo aos fins que temos em vista; considerando também que a nossa missão consiste em agitar o povo produtor afim de se pronunciar contra qualquer guerra entre Estados, este Comité dirige um apelo ao proletariado espanhol e português, para que, em toda a parte, faça uma activa propaganda contra a guerra, até que fiquem totalmente esmagados os esforços dos intervencionistas, que um insignificantíssimo grupo de flibusteiros começou,—e demonstre aos nossos irmãos, aos que pertencem ao povo que trabalha, sofre e não se alimenta convenientemente, que em antes de ir para a guerra, declararemos a greve geral em ambas as nações.

Trabalhem todos neste sentido pondo-nos de acôrdo sem perda de tempo; e se Espanha ou Portugal romperem a neutralidade, declaremos nas duas nações, a greve com todas as suas consequências.

A' luta, camaradas. Em defesa das nossas mães, de nossas irmãs, de nossos filhos, de nossas esposas, e sobretudo, da nossa dignidade de homens. Viva a Internacional dos Trabalhadores!

Abaixo a guerra!

Ferrol (Espanha), 1.º julho de 1915

O Comité Central da Associação Internacional dos Trabalhadores.

Respondendo a uma "Pregunta,"

No número 260 de *A Aurora*, Emilio Costa faz a seguinte pergunta: *que fariam os revolucionários espanhóis em face duma mobilização e consequente invasão do território português ou de um bombardeamento de portos portugueses por parte de Espanha?*

Principio por afirmar que semelhante intervenção é muito pouco provavel, visto que lhe seriam hostis as esquerdas da burguesia espanhola. Além disso, a guerra de Marrocos esgotou a Espanha, quase que a arruinou.

Todavia, a importancia destas questões é de tal ordem que todos nós devemos definir atitudes e expôr opiniões para que o futuro não nos reserve dolorosas surpresas. *Impossível se torna predizer o que farão os revolucionários espanhóis no caso de uma intervenção; mas sabendo nós o que é que deveriam fazer, e contestando em primeiro lugar a esta pequena pergunta, ser-nos-há mais facil responder à pergunta anterior.*

No caso desditoso da burguesia espanhola decidir a occupação de Portugal, ou duma pequena parte desse país, impõe-se como um dever a todos os elementos avançados de Espanha, o *promover uma intensa campanha de protesto contra essa occupação e de simpatia para com o povo português*. Para tal fim, todos os meios seriam postos em prática, desde a paralisação parcial e pacifica do trabalho até à greve geral revolucionária. E antes, porém, dessa possível intervenção, a toda a imprensa operária assiste-lhe o obrigação moral de, á menor suspeita, publicar artigos escritos em linguagem de solidariedade e afeição ao povo vizinho. Numa palavra, o proletariado organizado e ainda todos os partidos republicanos espanhóis deveriam empregar o máximo esforço para evitar essa vergonha. Em todas as povoações da península igualmente se deveria intensificar a campanha de protesto por meio do comício, da conferência, da manifestação nas ruas e da greve...

Agora uma interrogação: *gumpiriam todos com o seu dever?*

Isto é que é o importante. Por mim creio que a maioria dos revolucionários espanhóis havia de cumprir, fielmente, com o seu dever. O partido socialista, espanhol, ou se oporia resoluta e eficazmente á intervenção por quantos meios estivessem no seu alcance, ou fraccionar-se-ia em dois partidos: — um o actual; outro o socialista revolucionário ou como quizessem denominarlo; quanto aos elementos sindicalistas e anarquistas temos a certeza que cumpririam com o seu dever. O partido republicano também havia de se manifestar energicamente contra essa intervenção. Espanha ficaria assim dividida em dois grandes

Notas Rubras

Uma greve de costureiras

Os jornais diários publicaram na quarta-feira última, a noticia de se terem declarado em greve 32 costureiras dum atelier de vestidos ali da rua do Almada.

Segundo a referida informação, a causa que levou aquelas operárias a tomarem semelhante atitude foi o motivo da proprietária da officina onde trabalhavam lhes reduzir os salários «em de compensar da redução de tempo motivada pela regulamentação das horas de trabalho».

Encheu-me de satisfação o facto de já haver mulheres com o necessário espirito de revolta para se insurgirem contra a usurpação duma regalia.

A mulher tem sido sempre a mais explorada. E uma das classes onde essa exploração se observa com maior ganância e injustiça é no mistér de costureira.

Por uma pura ridicularia, essas proletárias trabalham imensas horas, numa labuta maçadora e exaustiva. Alem disso muitas noites são obrigadas a fazerem serão, bastas vezes gratuitamente!

Por conseguinte, repito, o conhecimento de que um grupo de costureiras se tinha declarado em greve para defender os seus interesses trouxe-me um júbilo muito grande.

O meu maior desejo é que essas mencionadas companheiras saiam vitoriosas de seu no-

bre e simpático gesto; e para esse resultado é necessario que os laços de solidariedade entre elas sejam inquebrantáveis.

Para o ordenado mesquinho, que mal chega para uma fraca alimentação, é mais que suficiente o horário de 10 horas de trabalho.

Mas não bastará, toda via, que as costureiras se limitem a actos isolados de reivindicação. É preciso que elas, quanto antes, organizem o seu sindicato profissional para que não continuem a ser umas verdadeiras «negras» de «coças» que teem o nome de *ateliers*.

C. RODRIGUES

Manobras Patrióticas

Qualquer gesto de protesto contra a guerra e seus factores qualquer movimento dos operários nos países aliados e amigos é obra de ouro ale não, é manejo dos «boches», e seus agentes. A respeito da greve no País de Gales, as agências telegráficas até indicavam a quantia certa gasta pela Alemanha. Lembra aquella história dos 30 contos dados pelos monárquicos aos sindicalistas de Lisboa.

E então a agitação socialista na Alemanha? E os manifestos clandestinos que lá teem sido es-palhados contra a guerra e a imunda corja kaiserista? E a grande greve na Casa Krupp? Pela mesma razão, direis vós, aquilo deve ser produto do ouro inglês.

Assim dirão decerto os patrioteiros germânicos. Mas julgareis mal os dêste lado, se os supuser-